



A ÁRVORE DOS CANTOS

*Ou o livro das transformações contadas pelos
yanomami do grupo Parahiteri*



edição brasileira© Hedra 2016

corpo editorial Adriano Scatolin,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

A ÁRVORE DOS CANTOS
*Ou o livro das transformações contadas pelos
yanomami do grupo Parahiteri*
Anne Ballester

1ª edição

hedra

São Paulo_2016

Os livros da Coleção Mundo Indígena foram feitos com muito cuidado e ponderação, de modo a compartilhar suas histórias de um modo que as pessoas e comunidades envolvidas na sua produção considerem adequado.

Caso você tenha gostado do que aprendeu e queira usar alguma história ou conhecimento contido neste livro para algum outro fim, recomendamos enfaticamente que entre em contato com os envolvidos na sua produção para pensar juntos como esse novo projeto pode ser bom para eles também.

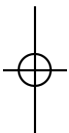
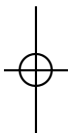
Sumário

Introdução	9
Como foi feito este livro	13
O LIVRO DAS TRANSFORMAÇÕES	15
A árvore dos cantos	17
Amoa hi ã he rē haanowehei	21
Monstro këyakëya	25
Këyakëya	29
O surgimento das cobras	33
Tē pē rē orupraronowei	39
a ONÇA e a CENTOPÉIA	45
Îra xo, wapororitawē xo ki he haapii	47
A onça e o tatu	49
Îra xo, opo xo ki he haapii	53
A multiplicação das onças	57
Îra pē rē pararoyonowei	61
Minhocão	65
Horemariwē	75
o pássaro popomari	85
Popomaritawē	87
O surgimento da flecha	89
Xereka a rē kupraronowei	91
Antes do surgimento do terçado	93

Sipara a rē kuprarionowei	95
o corte dos cabelos	97
Tē pē hemakasi pēyomou rē hapamonowei	99

Este livro reúne histórias contadas por pajés yanomami do rio Demini. Naqueles tempos, seres que hoje são animais e espíritos eram gente yanomami. Estas histórias contam como aos poucos o mundo veio a ser como ele é agora.

Trata-se de um saber sobre a origem do mundo e dos saberes dos Yanomami, que as pessoas vão aprendendo e amadurecendo ao longo da vida, por isto este é um livro para adultos. As crianças yanomami também conhecem estas histórias, mas sugerimos que os pais das crianças de outros lugares as leiam antes de compartilhá-las com seus filhos.



Introdução

QUEM SÃO OS YANOMAMI

Os Yanomami habitam uma grande extensão da floresta amazônica, que cobre parte dos estados de Roraima e do Amazonas, e também uma parte da Venezuela. Sua população está estimada em 35 mil pessoas, que falam quatro línguas diferentes, todas pertencentes a um pequeno tronco linguístico isolado. Essas línguas são chamadas yanomae, ninam, sanuma e xamatari.

As comunidades de onde veio este livro são falantes da língua xamatari ocidental, e ficam no município de Barcelos, no estado do Amazonas, na região conhecida como Médio Rio Negro, em torno do rio Demini.

COMO FOI FEITO ESTE LIVRO

Em 2008, as comunidades Ajuricaba, do rio Demini, Komixipiwei, do rio Jutai, e Cachoeira Aracá, do rio Aracá — todas situadas no município de Barcelos, estado do Amazonas — decidiram gravar e transcrever todas as histórias contadas por seus pajés. Elas conseguiram fazer essas gravações e trans-

crições com o apoio do Prêmio Culturas Indígenas de 2008, promovido pelo Ministério da Cultura e pela Associação Guaraní Tenonde Porã.

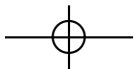
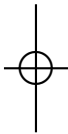
No mês de junho de 2009, o pajé Moraes, da comunidade de Komixipiwei, contou todas as histórias, auxiliado pelos pajés Mauricio, Romário e Lauro. Os professores yanomami Tancredo e Maciel, da comunidade de Ajuricaba, ajudaram nas viagens entre Ajuricaba e Barcelos durante a realização do projeto. Depois, no mês de julho, Tancredo e outro professor, Simão, me ajudaram a fazer a transcrição das gravações, e Tancredo e Carlos, professores respectivamente de Ajuricaba e Komixipiwei, me ajudaram a fazer uma primeira tradução para a língua portuguesa.

Fomos melhorando essa tradução com a ajuda de muita gente: Otávio Ironasiteri, que é professor yanomami na comunidade Bicho-Açu, no rio Marauíá, o linguista Henri Ramirez, e minha amiga Ieda Akselrude de Seixas. Esse trabalho deu origem ao livro *Nohi patama Parahiteri pë rë kuonowei tẽã— História mitológica do grupo Parahiteri*, editado em 2010 para circulação nas aldeias yanomami do Amazonas onde se fala o xamatari, especialmente os rios Demini, Padauri e Marauíá.

Em 2013, a editora Hedra propôs a essas mesmas comunidades e a mim que fizéssemos uma edição para apresentar essas histórias para adultos e para crianças de todo o Brasil. Assim, o livro ori-

ginal deu origem a diversos livros com as muitas histórias contadas pelos pajés yanomami.

Anne Ballester Soares



Como foi feito este livro

Em 2008, as comunidades Ajuricaba, do rio Demini, Komixipíwei, do rio Jutai, e Cachoeira Aracá, do rio Aracá — todas situadas no município de Barcelos, estado do Amazonas — decidiram gravar e transcrever todas as histórias contadas por seus pajés. Elas conseguiram fazer essas gravações e transcrições com o apoio do Prêmio Culturas Indígenas de 2008, promovido pelo Ministério da Cultura e pela Associação Guarani Tenonde Porã.

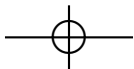
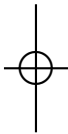
No mês de junho de 2009, o pajé Moraes, da comunidade de Komixipíwei, contou todas as histórias, auxiliado pelos pajés Mauricio, Romário e Lauro. Os professores yanomami Tancredo e Maciel, da comunidade de Ajuricaba, ajudaram nas viagens entre Ajuricaba e Barcelos durante a realização do projeto. Depois, no mês de julho, Tancredo e outro professor, Simão, me ajudaram a fazer a transcrição das gravações, e Tancredo e Carlos, professores respectivamente de Ajuricaba e Komixipíwei, me ajudaram a fazer uma primeira tradução para a língua portuguesa.

Fomos melhorando essa tradução com a ajuda de muita gente: Otávio Ironasiteri, que é professor yanomami na comunidade Bicho-Açu, no rio Marauíá, o linguista Henri Ramirez, e minha amiga Ieda Akselrude de Seixas. Esse trabalho deu origem ao livro *Nohi patama Parahiteri pẽ rě kuonowei tẽ ã— História mitológica do grupo Parahiteri*, editado em 2010 para circulação nas aldeias yanomami do Amazonas onde se fala o xamatari, especialmente os rios Demini, Padauri e Marauíá.

Em 2013, a editora Hedra propôs a essas mesmas comunidades e a mim que fizéssemos uma edição para apresentar essas histórias para adultos e para crianças de todo o Brasil. Assim, o livro original deu origem a diversos livros com as muitas histórias contadas pelos pajés yanomami.

Anne Ballester Soares

O livro das transformações



A árvore dos cantos

NÓS VAMOS CANTAR. No início, não havia canto, não havia, ninguém cantava. Onde se erguia a árvore dos cantos, os dois foram caçar. Dois moços Wakusitari – dois não, um só moço, que a descobriu em sua região.

Os Katarowëteri eram os amigos dos Yãrusi, cujo líder se chamava Yãrusi. Do outro lado da planície, eles, os Wakusitari encontraram a árvore dos cantos.

Outros dizem que foram os Koteahiteri que descobriram a árvore cantando, e que chamaram os Katarowëteri para pegar os cantos.

Graças à árvore, os Koteahiteri se enfeitaram com penas de cauda de papagaio, pintaram-se elegantemente, colocando crista de mutum, e dançaram. Era uma região bonita e plana onde crescia somente a planta ária. Eles ocupavam uma bela região.

Por isso, dois moços Koteahiteri foram caçar.

— Vamos entrar na mata, lá adiante!

O irmão mais velho e o irmão mais novo foram caçar. A floresta parecia mais baixa por causa da luz forte, como a luz do dia na roça. Foram embora naquela direção, andando. Andavam no meio do brejo, andavam no meio, ouviram os ecos dos cantos.

Não havia sujeira no chão onde encontraram a árvore dos cantos dançando, para frente e para trás, havia somente areia bonita e muito brilhante. A árvore dançava.

— ãë, ãë, ãë, e, e, e, e, e, ãë, ãë, ãë, ãë!— encontraram a árvore cantando assim.

— Ê, aëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë! – cantava a árvore.

Enquanto isso, o irmão Katarowëteri, o filho mais velho, disse:

— Õo, irmão menor! Dá para ouvir um canto, lá onde há uma luz grande acima do pântano, o som do canto vibra lá, escute isso! Provavelmente é o som de um grande monstro! Esse som, naquela direção, mais adiante! Vamos nos aproximar por ali, abrir um caminho no areal! Venha aqui! Vamos, irmão menor! Vamos logo olhar de perto!

— Será que não é voz de Yanomami?— disseram os dois.

Onde a árvore dançava, a luz forte batia na areia bonita.

— Õoooãaaa! Vamos, irmão menor, vamos! A árvore dos cantos está dançando, vamos, vamos,

vamos até nosso pai, para avisá-lo!— disse.

O irmão menor subiu em uma árvore bonita *matom* inclinada, para ver se havia gente por perto, se via algum movimento, subiu e ficou alto.

Ali, na areia, a luz brilhava de todas as cores, repousava bem no centro, e a árvore dançava devagar para frente e para trás, cantando. A boca da árvore era bem bonita e a árvore dançava para frente e para trás.

O irmão menor desceu e disse:

— Ōoãaaa! Irmão mais velho! Irmão mais velho! Nossa! Está lá cantando e dançando, de uma maneira tão bonita, é a árvore dos cantos! Querido, parece que essa árvore canta, essa árvore tem cantos bonitos!

— Vamos! Vamos até nosso pai!

Os dois disseram e correram imediatamente. Chegaram correndo.

— Prohu! — disseram.

Encontraram esse som e se enfeitaram por causa da árvore dos cantos.

— Meus queridos! Enfeitem-se para pegarem cantos bonitos!— disse o líder dos Koteahiteri.

O irmão mais velho fez o *himoucom* o pai, contando-lhe sobre a árvore dos cantos.

— Tārai! Ha! Meu pai! Pai! Olhe! Sou teu filho, olhe! Você não sabe por que voltei logo correndo! Você nem sabe! Pai! Pai! Pai! Você nem imagina o canto bonito que meus ouvidos ouviram! De arre-

galar os olhos! Meu pai! Meu pai! Meu pai! Você que mora aqui, eu sou seu filho, eu não lhe diria para proibir as mulheres se enfeitarem!— disse.

— É claro! É claro! Queria ouvir isso mesmo, meu filho mais velho, querido!— respondeu seu pai.

Fez o *himou*:

— Vamos! Ōoooãaaaaõõõãõõã! Ele viu uma bonita árvore dos cantos! Ōõoo! — gritaram.

Ficaram animados.

Amoa hi ã he rë haanowehei

Amoa pëma a tapë. Hapa amoa a kuonomi. Kuonomi, ai tē pē kã amoamonomi, tēhë amoa kama hi rë upraatayowei hami, ki rami hupirayoma.

Kutaeni hi ã eë hapirema Wakusitari a huyani, kipini mai, yami a huyani. Katarowëteri pē rë kui, Yarusi kama nohi e pē wãha kuoma, Yarusi përiami a wãha kuoma yaro. Ihi ai maxi yari hami Wakusitari pëni amoa hi ã he haremahe.

Inaha ai tē pē kui: Hei Koteahiteri pē yaini amoa kē hĩ ã he haamahe. Katarowëteri kē pē ha nakarëheni, amoa kē hĩ ã toamahe.

Amoa hi nohi pauxiamahe. Werehi xina pata huuhamahe. Pē onimoma, pē no aiama, ikimo a huuhamahe, pē ha kuaani, amoa hi nohi praiamahe. Urihi katehe kē, kuma kē masi he pata yarimoma, urihi katehe a pomahe.

Pouhe yaro, ihi Koteahiteri huyahuya ki rami apiyo hërima. Ki rami ha apiro hërima.

— Kiha pëhë ki ha paikutuni!

Hei pē pata, hei pē oxe, inaha rami kē ki hupima, rami kē ki apiyo hërima. Kutaeni, hiii! e tē xii pata yahatotoa hërima. Hikari kurenaha

e tē xīi pata kuaa hērima. Kuaa hēripē hami, kipi katito hērima. Matotapi hērima.

Yāmaro kē xīi pata hami ki mi amopia hērima, mi amopia hēriiweiuiiiiii, mi amo yai ha amoa kē ā wa karēhoma, mi amo yai ha hēka a praopē ha kunomai, amoa kē hi tirurou he hapirema, makamaka katehe kē a pata yaixīi no aihimou totihiopē hami, amoa kē hi tiruroma.

— Āē, āē, āē, e, e, e, e, e, āē, āē, āē, āē! — amoa e hi kupii he harema. — Ē, aēē, ēaēē, ēaēē, ēaēē, ēaēē, ēaēē! — amoa e hi kupima. Kui ha, Katarowēteri pata a rē kui, ihirupi pata e rē kui:

— Ōo! Ōasi! Amoa a nohi karēhorati kihi tē xīi pata rē makerati ha, kihi amoa, kiha amoa kē a morokai kurati, yimika ta taprao, īhi rē — e kuma — Yai tē ā pata pē wēē! — pata e kuapraroma. Ihi Koteahiteri pēni. — Kihi tē ā rē morokarati hami, mihi tē pata makamakapi rē matoto piyēhēri hami, wa yo ha reikimapaharuni, a ta ahehetetaru! — pata e rē kuyaronowei — Pei! Oxei! Pēhē tē ta mii ahetou xoao!

— Yanomami rē tē pē ā mata tawē!

Ki noā tapiyoma, amoa kē hi tirurupē hami. Hīiiii! Makamaka katehe kē e xīi pata makeoma.

— Ōooāaaa, pei kē, oxei, pei kē oxei, amoa hi rē tiruropiyei ē, pei kē, pei kē, hayē kē ihami ēē, hayē pēhē a yimikamapēē! — e kuma.

Matomi katehe hi pata kaiopē hami, oxe e tukema, Yanomami tē pē mii ha, tē pē xurirou mii ha,

e ha tuikuni, e ha tirehetaruni.

Kihi makamaka kē a xīi pata no aiwē makeai kupiyei, mi amo yai hami amoa kē hi wa kāi opi tirutirumoma, tē hi kahiki no aiwē no kirii, e tē hi tiruroma.

— Ōooāaa! — e ha nihoroto hērini — Apa! Apa! Kurahē katehe kē tē wā kāi tirurou kuopiyei. Apa, amoa kē hi ē! — a kuma — Pusi amoa kē hī ā no taiē, pusi amoa katehe kē hī ā rē taiē! — e kuma.

— Pei kē! Hayē kē ihami ē! Ki ha kupini, ki rērēpia xoape hērīma. Ki ha rērēpipo hērini:

— Prohu! — e ki kupima.

Amoa hi nohi pauxiaihe ha:

— Pusi pei kē pē ta pauximo xē! Amoa katehe wama a toapē! — pēriami Koteahiteri e kumahe.

Hi nohi himopīama pē patani e hi nohi himo-ama, amoa hi wāha nohi wēai ha, pē hīi iha.

— Tārai! — e kuma — Ha! Napemi! Napemi! Ha! Hei yarohē ya rē kuii, ha! Weti wa tē tai ha, wa tē rērēi mi yapa a ta kuponī? Wa puhi kuorani ha kunomai! Napemi! Napemi! Napemi! Hei ya yimika ha amoa katehe ya rē hiritaiwei! Ya mamō rē ikeketouwei, napemi! Napemi! Napemi! Hei ki suwē rē kui, ki pauximomai mai! E roa yai a ta pēra! Yarohē ya rīya kuorani kunomai! — e kuoma. E kui ha:

— Hāo! Hāooooo! Noa tai yai a ta pēraxēa. Pusiwē! Pusiwē! Ha! Inaha rē kē, inaha rē kē — pē hīi e kuma.

E nohi himoama.
— Pei kē! Ōōāōōāōōā! Amoa katehe hi he
hōra rē harenowē! Ōoooo! — e pē kuma.
E pē xi wā kâi toaama.

Monstro këyakëya

EXISTIAM TAMBÉM AQUELES que viviam na região centro-sul, os Yăimoropiwei, que ficaram presos, pois moravam dentro da terra com o monstro Këyakëya— que, portanto, não era Yanomami.

Os que asfixiaram Këyakëya existiam bem antes de nossos antepassados. Këyakëya morava dentro da terra, na vizinhança do xapono dos ancestrais.

Apesar de ser um monstro, Këyakëyaera líder dos Yăimoropiwei. Os companheiros de Këyakëya moravam dentro da terra e a casa deles tinha um respiradouro, como o da casa do tatu. A casa de Këyakëya também tinha um respiradouro. Moravam ali também os Motuxi que se dividiram e se espalharam.

Os Prăkiawëteri asfixiaram Këyakëya, tentando matá-lo. Asfixiaram-no, foi assim que nos ensinaram a matar. Eles não o mataram com flecha.

No início, não havia matança, não havia inimizade, não havia briga mortal. Os *napë* também não existiam. Os nossos antepassados não sabiam manifestar ira nem raiva.

Ele conseguiu escapar sob a forma de espírito. Ele não se transformou à toa. Os companheiros dele, como nós, sempre padeciam de fome; todos morreram pela fumaça.

Këyakëya nos legou o sentido de vingança por causa da filha de quem? Qual é o nome do pai cuja filha foi vítima da crueldade de Këyakëya, que chegou e entrou no xapono? A vítima que, brutalmente, Këyakëya fez descer da rede e sair era a filha do líder dos Naiyawëteri. Era uma moça bonita, realmente muito bonita. Ela estava na primeira menstruação, e mesmo assim, ele a arrancou da reclusão.

Apesar de ser monstro, Këyakëya existia e vivia como Yanomami. Como morava dentro de um buraco, depois de trucidar a menina menstruada, ele e os demais membros do grupo foram asfixiados pelos Prãkiawëteri. Mas apenas Këyakëya conseguiu fugir, se tornando eterno na forma de espírito. Ele ainda existe como espírito.

Naiyawë desganhava uma árvore frutífera *nai* em uma roça distante. *Aooo, aoooo, aoooo, aooo!* Fazia assim para sua gente.

Enquanto eles comiam a fruta *nai*, Këyakëya arrancou a menina do seu recluso, matou-a e a devorou. Ele a comeu sozinho.

Fez lascas pequenas da carne das demais crianças, que também havia trucidado, para oferecer a todos seus companheiros. Amontoou as lascas de carne que ele colocou no seu grande cesto, cha-

mado *yotema*. Carregou todos os restos das crianças massacradas e levou junto o irmão da menina menstruada, que estava vivo e bonito. Ele o fez sentar em cima dos cadáveres dentro do cesto.

O menino vivo, que ele levou, transformou-se em papagaio durante o percurso. Këyakëya saiu do xapono dos Naiyawëteri e andava a passos largos, foi então que o menino, um pouco distante disse:

— *Kuao! Kuao! Kuao!*

Esse som se tornou o som dos papagaios. Esses pássaros voam; ele pousou em um galho e assim ficou. Këyakëya olhou para a beira do cesto, querendo ver se o menino ainda estava sentado. Fez o filho de Naiyawëse tornar papagaio. Como o menino não estava, ele retornou àquela direção. O menino se tornou a imagem do papagaio que grita *Kuao! Kuao! Kuao!*

— Ouça! Meu xerimbabo! Onde você pousou? *Kuato, kuato, kuato!*— disse Këyakëya voltando e correndo.— Em qual paragem você ficou? *Kuato, kuato, kuato!*

— *Õiyaoooo!*— disse o papagaio.

Assim disse aquele que, apesar de ser filho de Yanomami, tornou-se papagaio.

É a história dos antepassados. Esses monstros também existiam com outros xaponos, sendo essa a história de Këyakëya e dos Yäimoropiwei, que moravam em xaponos pouco distantes um do outro.

Depois, aparecerá o nome do rio que tirará e levará muitos ancestrais Yanomami. É somente depois da história dos Yanomami levados pelo rio que vem nossa história. Os Waika a contam de uma maneira diferente, eles a contam conforme seus antepassados lhes contaram.

Os companheiros de Këyakëya não sobreviveram, morreram todos pela fumaça. Eles os asfixiaram a todos, somente Këyakëya sobreviveu, se transformando em espírito eterno. Esse sobrevivente alcançou o xaponodos espíritos, pois se tornou um deles, quando ainda eram Yanomamie moravam como nós. Ele os alcançou e ficou lá.

Não mora mais onde o asfixiaram. Somente restou o marco dele. Não pensem que os companheiros de Këyakëya sobreviveram e se agruparam enquanto ele alcançava os espíritos!

Não houve sobreviventes do grupo dos Naiyawëteri. Acontecerá depois. Os sobreviventes eram os que afundaram, não os outros antepassados. As águas sobem devagar e os que afundam são os únicos sobreviventes.

Em seguida, os que tinham o mesmo nome que as montanhas também sobreviveram.

Këyakëya

Kama pë rë kuonowei koro ha mi amo ha, pë xi rë wārionowei, pë rii rë titionowei, yai tēni pë kãi titioma. Këyakëya, Yanomamimi makui, a përioma.

A rë yarēnowehei. Kamiyë pëma ki no patapi përio mao tēhë, tē pë rë përio xomaonowei tē pë wāha xomaa. Ihi pata pë yahipi he tikë ha, pëixoki ha, yai tē titioma.

Këyakëya përiami a wāha, yai tē makui. Ihini Yāimoropiweiteri pë kãi përioma. Këyakëyani pë kãi rë titionowei, mahu hëremopi kuoma, opo pë hëremopi rë kurenaha Këyakëya yai tē hëremopi kuoma kutaeni, Motuxi pë pata xereremou piyëkë-moma kutaeni, kama e pë kãi rë përiowei, Motuxiwëteri pë kãi titioma. Këyakëya ei pë wāha.

Wetini Këyakëya pë kãi rë titiaiwei, weti naha pë wāha kuoma? Ihi Prākiawëteri pëni Këyakëya a yarëmahe, a xëpraremahe. Ihi pëni pëma ki ixou hiraihe ha, Yāimoropiweiteri pëni Këyakëya a unokai yarëmahe. A xëprapehe, a yarëmahe, kamiyë pëma ki xëprayopë. A nianomihe.

Hapa niayou tē kuonomi. Pëma ki napëmayou, xëprai tē kuonomi. Napë pë makui, pë kãi kuonomi.

Pëma ki nohi patama waitirimou taonomi, huxuo kâi taonomi, ïhi pë xëremahe.

Këyakëya a xëprai puhioma makuhei, a xëpranomihe. A hekura tokua he yatirayoma, kama a kuprou pëonomi. Hei kamiyë kureneha kuwë të pë no xïro preaama, të pë hititiwë nomarayoma.

Këyakëyani weti tëëpi noã prearema? Këyakëyani pë tëë e napë rë itorayonowei, e napë rë harayonowei, weti naha pë hïi e wâha kuoma? Naiyawëteri ihirupi, tëëpi noã prearema. Kama përiami Naiyawëteri a yai kuoma. Suwë katehe a yai kuoma. Pë tëë e yai riëhëoma, kamiyë kurenaha mai! ïhi suwë katehe yipi a ha ukëa he ha yatirëni, a noã prearema.

ïhi a përioma, Këyakëya a rë përiomowei, yai të makui Këyakëya a Yanomami përioma. A titioma kutaeni, inaha të tama yaro, yipi hena xëprai xi ha wãrironi, kama e pë rë kui, e pë no ha preraruni, e pë ha yarërarihenï, kama a rë kui a parimi hekura tokua xoarayoma. ïhi a hëa xoa, hekura.

Kihi hikari a rë kurahari naha, nai a pehi pata tihetimamahe ha:

— Äooo, äoooo, äoooo, äooo! — Naiyawëteri e pë kuma.

Nai a waihe tëhë, a ukëa hearema. A xëprapë, a wapë. A warema. Yamini a warema.

Nakaxi yâhi pë wai ha tani, tani, kama urihiteri pë haikama, pë topërarema. E yâhi ki ha orihenï. Pë ihirupi pë no maprai hearayoma yaro, hititiwë

pë mi këa heararema, pë yehire hërîma, kama yotema e hamî. Ihiru e pë no payeri rë tapraiwei, pë titire hërîma. Ihi pë tai makure, a rë përiaiwei, yaipi rë këprarihe, ihirupi e rë kui a yure hërîma. Temî. A rë riëhei. E tikëmare hërîma.

Ei a rë yurehe, kiha a kâi kutou tēhë, werehi e kuprarioma. Hëyëha a kâi rë hare, a kâi rë rahu-rahumoimati, kihi karexi si rë prarahari naha a kâi kutou tēhë:

— Kuao, kuao, kuao! — tē pë werehi rë ku-
uwei a no uhutipi kuprarioma, tē pë yëi ha piyei
kuni heinaha e ha waroroikuni, e kasiki mipra-
rema, Këyakëyani, e tikëa mii ha. Përiami e ihirupi
werehipramarema. A maa ha, e wã kâi yëa mi ya-
pakema:

— Tãrio, weti ha wa hore piyëkei kuhe? a wãti.
Kuato, kuato, kuato! — e kui mi rërëa mi yapakema
— Weti ha a hëprario kuhe? Kuato, kuato, kuato!

— Öiyaooooo! — e kurayoma. Yanomami ihirupi
kuoma makui, e kua topramarema, inaha e kuma.

Inaha tē ã kua, pata tē rë kui, inaha tē pë kua-
ama. Ihi yai tēni pë kâi përioma, ihi tēhë ai tē pë
rë përioiwei, ihi tē ha, hei Këyakëya a rë yarë-
nowehei, Yäimoropiweiteri pë hirao he paoma.

Ihi ei rë pë rë kui, waiha pei rë u kë wãha rë ta-
ore hamî, pë rë pakakumare tē wãha kupropë. Ihi
rë tē he tikë hamî, tē he tikëatayoa, tē he tikëa ku-
rati, komosi tē ã yai. Hei Waika pë rë kui, maa,
kama e tē rii taihe. Kama pë no patapi wãha rii tao.

Kamiyë pëma ki no patapini të ã rë wëyënowehei ei të ã rii. Të rii ma rë yaitapraruhe. Ihi kama, ihi të rii maxi hami, ñaha të kuoma, hapa të pë rë përiowei.

Ihi Këyakëya urihi teri pë rë kuonowei të maxi hami pë rë kuonowei, Këyakëya urihiteri pë rë kui, ai e pë hëpronomi, kai wakë xini, pë xëpraremahe. Pë yarëprai haikirayomahe yaro, ai pë temi haimi, hei pë rë kui, Këyakëya kama a rë kui, a hekura ha parimipraruni, a hëtaroma. A nomanomi. Ei a rë kui, hekura pë iha a waroopë, a hëprario kuhe, Këyakëya hekura. Yanomami pë kuo tëhë, hei pëma ki rë kurenaha hekura pë përioma. E warokemahe. Iha a kuopë.

Kama a rë yarënowehei ha a titia xoaami. Hekura yai të pë iha a warokema. Pei uno kua hëa. Hei pë rë kui, hei pë rë hëpraruhe, hei pë rë kui, Këyakëya hëyëmi e kua rë xoarahai weti naha kuwë të pë hiraopë ha, Këyakëya a warokema, pë puhi kuu mai! A warokema.

Naiyawëteri pë rë hëre, hei pë hëtopë mai! Hei pë mixi rë tuore, pë xïro hëprario, ai të pë no patama hëpronomi. Wäisipi, isitoripi të u wai rë ôkimouwei, pë mixi rë tuowei pë rë kure, hei kë pë.

Ihi pë rë kui, te he tikë hami ai pë rii, pei ma pë rë kui, ma pë wâha rë yehiponowehei, ihi pë kâi hëprarioma.

O surgimento das cobras

N ESSA ÉPOCA TAMBÉM, as cobras não rastejavam como rastejam hoje, elas viviam como os Yanomami. Transformaram-se onde desceu o Sangue da Lua, na floresta. Lá, caíram as cobras que picam. Transformaram-se em cobras lá em cima, enquanto iam para uma festa. Hoje, quando vocês olham para o céu, vocês veem o peito daqueles que se transformaram em cobras. Não havia cobras, nem jibóias, nem sucurijus. Os poraquês não existiam, nem os peixes. Nós comemos a carne de Yanomami.

Eles se transformaram em cobra, não no xapono, mas nesta floresta mesmo. Foram chamados e foram lá, Wataperariwë e Jibóia, o irmão mais velho. Foram lá longe com as Cobras, mas se transformaram na floresta. Eles, então, não foram dançar.

Com a cabeça coberta de penas brancas, dessa mesma forma que nós nos pintamos, cada um pintou seu corpo com listras diferentes. As Cobras moravam na sua própria região, como Yanomami. Transformaram-se quando foram convidadas a dançar. Elas antes viviam como Yanomami.

Quem eram os dois tuxauas? O irmão mais velho e o irmão mais novo moravam com as Cobras. Os dois também foram dançar. Watawatariwë e Jibóia moravam com seu grupo, as Cobras. Jibóia era o irmão do meio. Watawatariwë era o caçula. Os dois irmãos mais velhos eram esses: Jibóia e Sucuriju, que nasceu primeiro. Aqueles que se pintaram eram três, pois havia também Watawatariwë, o caçula, por isso nós nos pintaremos assim.

Os Parawari também viviam com eles. Por causa deles se metamorfosearam, porque os Parawari os levaram.

Todos eles moravam em frente à serra Wāyapoto, que ainda tem esse nome. Ocupavam essa região ao pé da serra na planície. Eram todos bonitos. É o nome da região onde moravam os antepassados. É o verdadeiro nome dessa região. As Cobras bebiam a água do rio Wāyapo, tomavam banho, se lavavam nesse rio bonito. Tomavam banho e bebiam água.

Eles nos ensinaram, assim, a dançar, mas, infelizmente, se metamorfosearam. Eles iriam dançar, mas, infelizmente, se transformaram. Iriam dançar. Transformaram-se em cobras imediatamente. Tornaram-se cobras. Não foram dançar no xapono de outros.

Em que xapono iam dançar? Noxapono daqueles que se transformaram, na terra plana, ainda existe. Aqueles que se transformaram, apesar de se

pintarem fora do xapono, sofreram a metamorfose, transformaram-se em cobras.

Os que convidaram as Cobras, como se chamavam esses antepassados? Eles gritavam enquanto cozinhavam o mingau de banana para os visitantes.

— Por que estão agindo assim?— Perguntaram-se.

Pareciam gritar de propósito. Transformaram-se perto do xapono dos Jalouaca. Transformaram-se perto desse xapono. Transformaram-se. Os antepassados se chamavam assim, Jalouaca. Assim se chamava o líder. Eram espíritos, são nomes de espírito. Eram Yanomami e moravam como os Yanomami.

Apesar de morarem, assim, como nós, após a metamorfose em cobra eles não voltaram à condição de seres comuns. Pintaram-se fora do xapono dos Jalouaca, pensando:

— Os Yanomami se pintarão assim!

E se pintaram com listras. Pintaram-se, na parte superior do braço, com cor de sangue preto, igual à cor de meu irmão mais novo, como a cor de seu braço. As cobras *maraxari* se pintaram assim; a cobra coral também se pintou com manchas vermelhas.

O segundo grupo do xapono das Cobras se pintou em outro lugar, distante, para que aquelas do outro grupo, que se achavam bonitas, se zangassem. Elas tomaram banho no rio Wataperari, cuja

água era branca. Ficaram onde brilhava a luz. Assim era a luz do rio. Perto do xapono dos Jalouaca, havia o rio, o rio apareceu de repente.

Um pouco longe do xapono, as outras Cobras se pintavam juntas.

Pintaram— se. No segundo grupo havia uma mulher. Os bonitos desse grupo, eram muito bonitos, chegaram até as outras cobras. Chegaram também com eles dois Parawari bonitos, todos eram muito bonitos. Chegaram. A beleza de suas pinturas incomodou os outros que ficaram com inveja. Chegaram, enquanto os outros se pintavam com riscas. Aquele, cujo nome eu dei, apareceu no meio deles, Sucuriju. Ele, o irmão mais velho, estava ao final dos que chegavam, aquele que tem grandes desenhos.

— *Hĩhĩ! Wisa! Wisa!*— assobiaram.

Os do primeiro grupo, ainda se pintando, viraram a cabeça para olhar em direção das cobras bonitas chegando, e disseram felizes:

— Acabei de me pintar desse jeito!

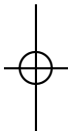
Apesar de não terem dentes como os dos Yanomami, depois de se transformarem em cobras, depois da metamorfose, os dentes saíram. No início, não havia cobra, aquelas que picam não andavam no chão, não havia cobra-surra, nem coral, nem cobra *maraxa*, nem cobra *huwēmoxi*. Não havia nenhuma dessas cobras. Lá, onde os bonitos estavam se transformando em cobras, houve um ba-

ruído tão grande como o de um bando de queixadas, pois as cobras estavam surgindo. As jararacas, as surucucus, as cobras papagaios e as cobras *warotambém* surgiram. Invadiram toda a floresta. Assim foi.

Aqueles que haviam convidado as Cobras, os Jalouaca, por causa dos quais aconteceu a transformação, subiram também ao céu no lugar da transformação. Os bonitos estavam suspensos. *Torurururu!* E trovejou. “*Prohu!*” Chegaram lá. Não estão aqui, nessa terra, pois andam lá. Queriam viver saudáveis, então estão lá, saudáveis. Não ficam em baixo. Ficaram em cima.

Quando as Cobras subiram, o que aconteceu com os amigos delas, os Jalouacas? Transformaram-se também em cobra.

Nesse momento, os líderes do primeiro grupo que se transformaram também em cobras ficaram na terra.



Të pë rë oruprarionowei

Oru pë kãi hunomi, oru Yanomami kurenaha pë kãi përioma, pë kãi kuoma. Ihi, kihami, Përipo ïyë rë itorati hami, urihi hami, kiha pë xi wãrihotayoma. Iha pë oru rë kerayonowei, të pë si wëyëihe, oru pëni. Heaka hami, pë xi rii wãrihipraritayoma. Pë praii mi ha hurini, pë xi rë wãrihonowei, hei wama pariki mii. Oru pë hunomi, hetu pë hunomi, wãikoya pë kãi kuonomi, yahetipa pë kãi kuonomi, yuri pë kãi kuonomi, Yanomami wama të pë yãhi ki wai.

Urihi ha pë ha nakareheni, pë hui ha kuikutuni, Wataperariwë, Heturiwë pata xo Oruri pë kãi hupii ha kuikutuni, urihi ha pë xi wãrihoma, pë praii ka-teheonomi.

Pei të pë horoimo pë ha, të pë ma rë yãmouwei, pei të pë pata yãprutaai yaitaama, Oruri pë ha ora ora ya të wãha takema, korokoro pë wãha kuami, pë xi rë wãrihonowei. Ihi Oruri pë rë kui, kama pë urihipi ha, Yanomami kurenaha kamiyë pëma ki rë kurenaha pë përioma, pë xi wãrihiprarioma. Pë xi wãrihopë makui, pë praii mi ayoma, pë ha xoreheni, Yanomami pë përio parioma.

Ihi exi e tē pēriami kupioma? Pata, pē oxe. Oruri pē kâi rē pēripionowei. Ihi pē kâi praipii mi kâi rē hurayonowei, Watawatariwēni pē kâi pērioma, Oruri, Heturiwē xo. Heturiwē pata e wāha yai, pēixoki hami ke e. Pata inaha e ki kupia hei, pē xīro. Wāikoyariwē pei a haa xomarayoma. Inaha pē kua. Ai, ai, ai pē kuoma. Wāikoyariwē e kâi kua, kama pē rē onimonowei, kamiye pēma ki onimopē. Wāikoyariwē, Hetu, Watawatariwē oxe e wāha, suhe u haikatimi.

Parawari pēni pē kâi hiraomahe, Parawari pē xo pē hiraoma, ihi pēni pē rurure hērimahe yaro, Oruri pē xi wārihamapehe, katehe kama pē xīro hiraoyaritaoma.

Wāyapoto a pariki ha pē hiraoma, ihi Wāyapoto a pariki ha pē pēria xoa. Ihi e wāha kua xoahe. Yari ha, ihi ki tēhē pē pērioma, a urihi pomahe, kama pē urihipi wāha. Pata pē rē pērianowei, tē wāha urihi yai. Oruri pēni u rē koanowehei, Wāyapo u koamahe. Ihi u yaruamahe. Wāyapo katehe u yaruamahe. Pē rē yārimonowei, u rē koanowehei.

Kamiye pēma ki praipē, ihi tē rē hiranowehei, ihi pēni tē praïi hirapehe, pē hurayoma makui, pē yaitaaï tikooma. Pē xi wārihou tikoopē makui, pē hurayo hērima. Pē praïi mi ayo hērima. Kama pē oruriprou xoarayoma. Pē oruriprarioma. Ihi ai tē pē iha pē praïi mi hunomi.

Weti pē iha pē praipē pē hurayoma? Ihi pē xi rē wārihonowei yari ha, xapono pata a praa xoa, yariyari tē ha.

Oruri pē rē xoanowehei, pē pata rē hiraonowei ihi weti naha pē wāha kuoma? Ihi pei pē xi yai rē wārihonowei, sipo ha pē yāmou makure, pē no rē Oruri preaanowei, pē rē oruriprarionowei. Pē rē yaitaanowei. Tē ki ā si pata ma hipikitapiyei, pē kuratapi u hariihe ha, tē ki ā si pata ma poteheta-piyei makui:

— Weti naha pē pata kuaai tikoa kupiyei?

Pē nohi kuaama. Ixarowēteri pē iha, pē xaponopi ha pē xi wārihoma. Ixaropiwēteri pē pērioma. Pē xi wārihoma. Pata pē rē kui, inaha pē wāha kupramoma, Ixarowēteri. Ihi pēriami a rē kui inaha rē a wāha kuoma. Hekura pē pērioma, hekura pē wāha. Yanomami rē pē kuoma. Yanomami kurenaha pē pērioma.

Hei kurenaha pē pērioma makui, pē poreriprou kōonomi. Ixarowēteri ihi oruri pē xi rē wārihamanowehei pē wāha. Ihi pē xaponopi sipo ha, pē ha yāmorini:

— Inaha pē kuaai hēopē tao!

Pē puhi ha kuni, pē tiprutaama. Oxeyē kihi ixi kurenaha, wakē poko ki hīia rē kurenaha, hei ora ixi hīia rē kurenaha, hei koro ixi rē kurenaha, pē yāmou kuaama. Maraxari pē kuaama, huwē moxi pē kuaama, hei kurenaha pē wakē rukēkoma, yamixano.

Katehe të rë huxutamarenowei pei pë yāmou hēoma. Ihi kama Wataperari kama u ha, pë yārimou hēkema, u wai au, të u xīi wai praapraamopë ha, pë hēkema. Heinaha u xīi kuoma. Ihi Ixarowēteri pë xaponopi ahete ha, e u kuoma, e u pētariomahe.

Hei kamiye pēma ki rë titipiyei hiramorewē nahi ha, kihi Oruri pë yāmou, īnaha pë hirao kuoma.

Pë yāmoma, katehe kipi yai rë kui, pë pētarioma, inaha pë pētou kurayoma, hei, suwē mahu a, hei Parawari katehe kipi. Inaha kama pë xīro kuoma. Katehe pë yai rë kui. Ihi pë rë huxutore, pë mia kāi no rë preaare, pë mi tikētikēpraroma e pētariomahe. Ihi hapa ya wāha rë yuprarihe e pariomahē. Noha hamī Wāikoyariwē e kuoma. Hititi, pata e nohapi aimama, pë oni pata rë prei.

— Hīi! Wīsa! Wīsa! Pë husi he ā pë mamo xatipraamapehe.

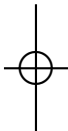
— Hei, inaha ipa ya të taawaikike kuhe! — pë kui topraroma.

Yanomami kurenaha pë naki kuonomi makui, pë ha oruripraruni, īha pë xi ha wārihipraruni, pë naki hararioma. Hapa oru a kāi hunomi, wa si rë wēaiwehei të kāi praonomi, Wāyapotorema pë kāi kuonomi, miomaakahe pë kāi kuonomi, maraxa pë kāi kuonomi, huwē moxi pë kāi kuonomi, kuonomi. Iha pë xi rë wārihore, īhi pë xi rë wārihorati ha, katehe pë xi wārihopë ha, hawē warë ki pata hōra

kuprarioma. Oru pē kuprou yaro. Karihirima, pēreima, arawaomi, waro pē kâi pata kurarioma. Iha pē rē kuaare îha hei a urihi rē kui, a haikiremahe. Inaha pē kuprarioma.

Pē xi rē wārihamarahei, îharē, kama pē xi rē wārihiprore ha, pē heakaprario hērima. Heaka hami kama pē kurayoma. Kama katehe pē rē kui, pē pehi sutihprou yaro Torurururu! Yāru e kurayomahe. Prohu! Kihami pē kuketayoma. Hēyēmî pita ha pē kuami. Kihami pē hui. Katehe pē yai pērîo puhiopē yaro, katehe pē kua kurati. Pē pepiami. Pē heakaketayoma.

Inaha pē ha kupraruni, îhi înaha pē ha kupraruni, weti naha norimî e pē rîi kuaama? Inaha e pē riikuprou mi heturayomahe.



a ONÇA e a CENTOPÉIA

N ESSA ÉPOCA as onças não comiam gente, não andavam, não existiam. Não havia onça na floresta. Segue essa história. Não andava onça para nos matar e nos comer. Hu, Hu! Hu! A onça não dizia isso.

Quem encontrou a primeira onça? Sozinha, ela sofria de fome, sequinha, sua barriga gritava de fome, pois ela não tinha dente. Onça tinha apenas gengivas, ela não mastigava, ela andava magra no meio dessa região do Xererei, ela andava sozinha, andarilha de fome. Como ela comia quase nada, ela chorava. Ela chorava por fome de carne.

Quem a encontrou? Onça chegou aonde estava Centopéia, onde morava sozinho um Yanomami, Onça chegou à casa de Centopéia. Ela apareceu, elas se encontraram, ela ia de encontro. Com fome, andava como se fosse cega, sem olhos, sofria mesmo, fazia muito barulho, tropeçava de fome.

É uma centopéia! Vocês conhecem esse nome? Era Yanomami, aquele que anda sem fazer barulho. Krihi! Ninguém diz isso, andando em cima de um pau. Foi ela quem ensinou primeiro.

Ela emprestou seus pés para Onça não mais fazer barulho; ela ensinou a andar discretamente. Depois do ensinamento de Centopéia, Onça andou, ela foi lá, chegou à terra plana e desceu.

Ira xo, wapororitawë xo ki he haapii

Ihi tëhë, kamiyë ira pëni pëma ki wai maopehe, ïhi a kâi hunomi. Ira a hunomi, a kuonomi. Të urihi no irapionomi. Te he tikëa. Kamiyë pëma ki ha xëprarinî, pëma ki rë waiwei, ira a hunomi. Hu, hu, hu! Ira a kâi kunomi.

A hapa he rë harenowei, wetini a he harema? Yami ohi pëni a resi no preaama. Xi ki pë kōririwë no preaama. Naki kuami yaro, Ira. Tukutuku të naki pehito kua yaro, të pë kâi waxikanomi, maro-marò ïhi rë të urihi ha, ïhi Xererei a urihi mi amo ha, ira yami a huma. Ohiri hurewë. Ai të wai waimi yaro, ërëkëwë, a ïkima. Ira a naikiri ïkima.

Wetini a he harema? Wapororitawë a kuopë ha, ira a warokema, Yanomami ai a rii përiopë ha, yami, Wapororitawë ihaIrariwë e warokema. A pëtarioma, a mi pamarema. A ohiri rë katitore hami. Ihi hawë hupëpi, hawë mamò ki maa hapa a hōra no preaaî kuaama, a kraikraipraotima, a rë yutuhouwei ohiri.

Waporomi kē ki! Ihi wama të pë wāha yuai? Kutaeni ïhi Yanomami a kuoma, Yanomami të pë mamiki hōra wai hīrio ma rë mai! Krihi! Të kâi

kuimi, a imii makure kiha. Ihini a hira parikema.
A hui hirakema.

E mamiki mahikema, ira a kramou maopë.

Ihi a ha hirakini, a ha ukuuuuhaparuni, a ha
yariiiiihi taparuni, timi paruni.

A onça e o tatu

É UM TATU! Dizemos assim. Tatu estava andando. Yanomami, Tatu, tatu. Hoje, a onça mata e come tatu. Hoje, os dentes do tatu são na boca da onça. A onça tem dentes de tatu.

Àquela época, os dentes de Tatu saiam da boca, apesar de ele ter boca pequena. Ele comia coisas grandes. Onça vai tomar emprestado os dentes de Tatu, por isso, ele tem dentes pequenos hoje. Primeiro, Tatu emprestou os dentes a Onça e colocou seus dentes na boca de Onça, seus próprios dentes.

A onça nos comerá. Ela não vai me comer!? Não tenham dúvidas!

Onça e Tatu se encontraram, ela ia como Yanomami. Tëi! Tëi! Tëi! Krai! Krai! Xiri! Hïkrai! Xiri! Krou! Kopou! Poxo! Rae! Os dois faziam o mesmo barulho. Tatu ficou parado, ela ia à sua direção. Quando ela o viu, se aproximou. Tatu olhou para os dentes de Onça. Os dentes de Tatu saíam da boca. Hïia! Originalmente, Tatu tinha os dentes que a onça possui hoje.

— Irmão menor! Irmão menor! Com esses dentes, você come sem problema!— disse Onça.

— Como são seus dentes? Você não tem dentes como os meus?

— Não tenho! Por isso eu não mastigo quase nada. Eu sofro!

— Cadê? Quando Tatu disse isso, ela abriu a boca.

— Hiii! Será que você come mesmo? Quer experimentar os meus? Arranque os seus!

Os dois conversavam. Os dentes finos de Onça pareciam frouxos, finos como agulhas na boca de Tatu.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou! Chega!

Os últimos dentes do fundo ficaram grudados, Onça deu os dentes para Tatu. Os dentes de Tatu se tornaram pequenos.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou! — disse Tatu.

Os dentes do fundo.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou!

Para colocar os dentes, Onça abriu grande a boca.

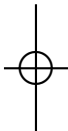
— Kriti! Kriti!— Agora você não passará mais fome. Agora pode logo comer coisas grandes! Você matará animais, você matará anta!— Tatu disse.

Por isso Onça ficou feliz. Ela o abraçou.

— Você mastigará ossos e engolirá ossos mastigados— Tatu disse a Onça.

Imediatamente, Tatu comeu somente minhocas; para comer minhocas, ele cavava a terra. Ele comerá com esses dentes, eles comem assim.

Será que vai conseguir quebrar os ossos pequenos? Normalmente, não se quebram coisas grandes, mas Onça conseguirá quebrar coisas grandes. Assim fez.



Ira xo, opo xo ki he haapii

Opo kë a! Pëma ki kui. Oporiwë a huma. Yanomami, Oporiwë, opo.

Kamani a ha xëprani, a wapë makui, ïhi opo, ïhi naki ira iha naki kua.

Ïhi hei opo e naki pata rei pramoma, kahiki ihirupio tëhë, pata të pë wama. Ïhi oponi ira naki rë kui opo ïha e naki mahikema. Naki ma rë oxei. Ïhi ira naki mahipou, oponiira naki tikema, kama naki.

Kamiyë pëma ki wapë, irani. Ware a waimi! Pë puhi kuu mai!

A mi hetua piyërema, opo. Yanomami kurenaha e huimama. Tëi! Tëi! Tëi! Krai! Krai! Xiri! Hïkrai! Xiri! Krou! Kopou! Poxo! Rae! Ira e kua mi heturayoma. Ïhi Oporiwë e rë kui, e yanikitarioma, a katitoimai ha, a ha tararini, e u kua katitikema. Ira naki mima. Opo e naki pata reipramoma. Hïia! Opo naki hami, ira naki. Irani naki rë tapore.

— Oxei! Oxei! Mihi kahë wa naki rë kuini, wa iai ha ayaowei — ira e kuma.

— Weti naha kë wa naki kuwë? Hei ya naki rë kupenaha wa naki mata kupowë!

— Kuami! Kuwë yaro, ya të pë wai wāxikiprai
ha maoni, ya no preaa!

— Weti hami kē? — a kui ha, ira kahiki pata
reretarioma.

— Hīi, wa të iai ayao ta yaitakē! — e ha kuni
— Pei! Ipa wa të ki wapai puhio? Mihi ēhē tēki ta
ukērari!

Ki noā tapiyoma. Hawë proreprore ihi ira kama
naki wai rē ihirupī të ki wai rē kui, hawë unamo të
pë wai rē xororoi:

— Ukē! Ukē! Ukē! A ñaharē!

Hei manakoro ha të ki wai xatipio tahiopë, ihi
ira e naki hipëkema, opo iha naki oxeparioma. Ka-
mani:

— Ukē! Ukē! Ukē! Ukē!

Manakoro të ki pata.

— Ukē! Ukē! Ukē!

Kamani naki rē tiaíwei, ira e kahiki pata rereta-
oma.

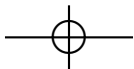
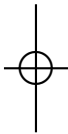
— Kriti!, Kriti! Pei kuikē wa ohii mai kē të! Ihi
hei kuikē rē wa pata iai xaoa. Yaro wa kái xëprapë,
xama wa xëprapë — a noā tama.

Kuwë yaro e puhí topraroma. A hëkato hãore
hërima.

— Wa të ũ pë wai ha waxikani, wa të pë wai
waxikano suhapë — e kuma.

Kama oponi horema e xi pë xīro wai xoaoma,
kama opo a rē kui, horema xi pë wai ha, a titëtite-
mou xoakema. Ihi nakini a iapë, pë ma rē iaiwei.

Ihi ihirupi rē tē ū wahatoapē? Hīi! Inaha kuwē
tē pē pata wahatomamou ma mai, tē ū pata waha-
toprai he yatiopē. Inaha a tama.



A multiplicação das onças

EM SEGUIDA, segue a história daquele que fez as onças se desenvolver. Ele foi à direção certa. Existe nos buracos de pau. Onde havia buraco de pau, outro tipo de onça existia, a onça *irahena*.

Não é obra de ninguém! Eles tinham um xaponocomo este. Era o mesmo nome daquele que a tirou do buraco. Aquele que tirou a onça *irahena*, onça parecida com jia, depois de tirá-la, ele se alegrou com a pele pintada; depois de ele arrancar as folhas, as onças habitaram toda a floresta.

Ele chegou ao xapono. Haviam queimado. Neste lugar, a roça estava próxima. Ele plantou as jias no lugar queimado. Ele plantou. Apesar de ser jia, ela não apodreceu, pois era onça. Onde ele plantou pouquinho, ao final do dia, quando a floresta escureceu, da mesma forma que os capins tem flores, essa flor de onça também desabrochou.

A onça grande começou a surgir. Onde caíram as sementes, as onças se levantaram. Os Kaxanawë-teri moravam no centro dessa região. São aqueles que plantaram a onça *irahena*.

Surgiram as onças suçuaranas, as onças suçuaranas vermelhas, as grandes onças e as onças pretas. As onças exterminaram os habitantes do xapono onde haviam plantado as onças, e cujo nome eu dei. Ninguém sobreviveu.

São famintas de carne, não foi só uma que andou. Comeram logo os habitantes. Esses antepassados não tiveram descendentes, pois nenhum fugiu. Nenhum sobreviveu. Exterminaram todos. Nenhum. Não foi somente uma onça. Em um dia, exterminaram todos. Comeram também aquele que tirou a onça. Ele morreu também.

Depois de exterminar todos, a onça continuou a surgir na terra dos *napë*, apesar de essa terra se estender bem ao sul. Não é obra de ninguém. As onças apareceram onde foi plantada a onça. Apesar de ser *jia*, a *jia* não apodreceu. Lá, a onça ficava dentro, a onça *irahena*.

O monstro Omawë, Tigre surgiu, pajé grande. Essas onças se chamaram logo Tigre. Abriram um buraco para pegar o bicho Tigre. Assim que fizeram. Eu conto o que escutava. Eu continuei pegando a história. É isso. São coisas transmitidas que eu escutava quando eu deitava no chão durante a iniciação xamanista. É assim.

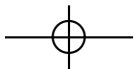
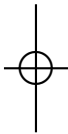
O que segue, é a história das onças que comeram muita gente.

Eles moravam perto da serra Yamaro e se chamavam Yamarowëteri. Chamaram o xapono deles

Yamaro. Apesar de eles não terem plantado urucuzeiros, havia muitos no meio, por isso se chamavam assim. É o outro nome para urucuzeiro. As onças os comiam também nas regiões vizinhas.

Os vizinhos um pouco mais distantes eram os Sementes-de-Urucu. Eles bebiam a água do rio Ximono. A voz deles era fina.

Após o xapono deles, havia outro grupo. Eram os vizinhos. Todos tinham os cabelos vermelhos. Os cabelos deles era de um vermelho bem forte. Os vizinhos deles eram os iranawëteri. Chamaram o rio, do qual bebiam a água, irana; por isso se chamavam iranawëteri. Assim faziam nossos ancestrais.



Ira pë rë pararoyonowei

Iharani, hei të rë kui hami, ira pë rë pararoyonowei, a përioma. Ihi te he tikëa. Pë përioma. Ihi ya pë wāha tokumarema. Hei pë përioma. Hei pë rë kuini, a katitirayo hërima. Hii hi pëka ha të pë ka ma rë kuprai. Inaha te hi ka kuopë ha, ira hena ti-tioma.

Taprano mai të ã. Hei kurenaha pë xapono ku-oma. Pei a wāha yai. Pei hena yai rë ukërenowei. A wāha yaia. Ihi a wāha kohomowë. Hena pa xërema. Hena ha ukërëni, moka kurenaha, të wai ha ukërëni, oni sipo wai oni, e ã topraroma. Të ha ukërëni, ira pëni urihi a haikiprapehe.

A kōpema. Kihi naha ïxino praa. Hikari a ahe-tea yaro. Ìxino të ha, hei moka a keai kure. A kekema. Moka a kuoma makui, a kãi tarenomi, ira a yaro. Të wai ha kekini, ïhi mahu të rë keare ha, motoka maprou tëhë, të urihi mi titihiprou tëhë, hei porema hi pë rë kurenaha, porema hi pë hemoxi rë kurenaha, ira e hemoxi kuaama.

Poroporo pë pata kupro hëripë. Ihi hei të pë hemoxi pata rë prerëre hami, ira pë pata hokëko hërima. Kama pë yahipi rë mi amoonowei ïhi pë

wāha Kaxanawēteri kuoma. Ihi pē yaini ira hena kekemahe.

Ira ketihenarimi, wakēwērimi, poroporokohe pē, hūkumari si pē, tē pē pata kuprarioma. Ihi ei ya pē yahipi wāha rē yuprarihe, iha a rē keare ha, irani pē haikirarema. Ai pē hēpranomi.

Pē naiki yaro, mori mahu tē rē hure ha. Ihi teri pē waa xoaremahe. Iha ai tē no hekama rē hēprouwei, patama tē pē kāi tokunomi. Tē pē hēpranomi. Pē haikiaremahe. Mori mahu tē rē hare. Ihi mahu tē mi haru ha tē pē haikia xoaremahe. Kamanī a rē ukērenowei, a kāi warema. No payeri taprarema.

Ihi tē pē ha haikiraheni, ihi tēhē, hena rē kekihe tēhē, ira pēni napē a urihi makui, napēpē urihipi hami koro hami makui, ira a kuprario hērima. Taprano pē mai! Keano pē hami ira pē kuprarioma. Moka a makui, moka a kāi wārimonomi. Ihi ira a titioma. Ira hena.

Omawē pē kuprarioma, yai tē pē. Omawē pē wāha kekema. Omawē yai hena paxērema. Inaha tē pē kuaama. Ya tē pē rē hīrinowei, ya tē ā tai. Ya toa hērima. Ihi tē waikiwē. Hiriano, wēyēno, pata tē pēni wamare ki noā tamahe. Ya prao tēhē, ya ha praoni, ya tē hīrima. Inaha tē kuwē.

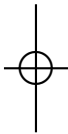
Ihi te he tikē hami, pē pruka wai he rē tikēkonowei, ihi tē kāi tikēa.

Ira henani pē pruka rē wanowei, pē wāha. Yamaro ki ha tē pē rē pēriowei, kama pē wāha Ya-

marowëteri kuoma. Xapono e rë kuonowehei Yamaro awâha yupomahe. Nara pruka xi hi pë keanomi makui, îhi tē xihî pë pata mi amo ha pë kua yaro, pë wâha kuoma. Nara xi hi pë wâha Yamaro kua. Îhi pë pruka wama. Iha pë wai he tikëkoma.

Îhi te he îsitoripî tikëre ha, pë pruka yahipî he rë tikëkëmonowei, Ximonowëteri pë hiraoma. Ximonowëteri pë rë hiraonowei, kama Ximono u koamahe. Pë kahi â kâi preonomi.

Ximonowëteri pë yahipî he tikëo ha, ai a yahi përioma. Inaha tē pë henaki wakë kōre kumou xīrooma. Hei pëma kî henaki rë kurenaha, pë henaki kuoma? Pë henaki wakë kōremoma. Îhi ei Ximonowëteri pë yahipî he tikë ha, kama Iranawëteri pë yahipî he tikëoma, Iranawëteri. Kutaeni kama pëni u rë koanowehei, Irana u wâha yuamahe. Inaha no patama tē pë kuaama.



Minhocão

A HISTÓRIA DAS MINHOCAS. Quando a floresta existia, mesmo que a terra existia: — Vou cavar minhocas! — ninguém dizia isso. Não existia minhoca, como as minhocas não saiam, ninguém saía, ninguém pescava depois de tirar minhocas. Era assim. Nós não as deixaremos cair na água quando estamos com fome, nós cavamos onde há minhocas, nós as tiramos, muitas surgirão; para que nós fizéssemos assim, ele morou com a filha. Lá onde surgiu aquela mulher, a filha de Pokoraritawë ensinará aos Yanomami a não gostar do marido, elas não gostam dos maridos às vezes. Ensinando-nos, a filha de Pokoraritawë se zangava demais, pois estava com medo, não queria seu marido, apesar de ele ser muito bonito, a mulher não o queria, a filha de Pokoraritawë fez as minhocas surgirem. A mulher chegou lá com os dois Minhocões, que comiam o esperma deles mesmos. Aquele que ela desposou, apesar de ser bonito, foi embora caçar, até que afinal a mãe falou com a filha:

— Filhinha querida, teu marido foi de novo! Vai atrás dele! Vai!— ela disse.

Ela foi bem devagarzinho atrás dele.

Ele foi, soprou veneno em cuxiús, matou, ele era muito bom caçador, Paricá. Ela não gostava dele, de Paricá, era o nome do genro de Pokorari-tawë. Minhocão fez os filhotes se multiplicarem com a esposa de Paricá. Quando seu marido passou, os dois chegaram aonde Paricá estava. Ele estava longe à frente quando a mulher passou perto dos dois Minhocões, o mais velho e o mais novo.

Os dois moravam em terra plana e viviam na condição de Yanomami, pois não existiam minhocas à época. Os pais das minhocas moravam lá no início. Eles farão os filhos se multiplicar. Passando nesse caminho, lá em baixo bem longe, Paricá matava cuxiús. As frutas de Minhocão estavam grudadas. Naquele caminho, as frutas eram numerosas para atrair a mulher. Toso, toso, toso, toso! Faziam os restos. Hōti, hōti, hōti! Faziam assim também.

Os dois eram muito bonitos, os pais das minhocas, tinham a testa enfeitada de rabo de cuxiú, guardava na testa, o rosto dos dois era enfeitado e bonito. Assim era o rosto dos dois. Os dois Minhocões tinham barbabonita para parecer o rosto de Paricá e enganar a mulher. Ele olhou:

— Krai! Rae!— disseram assim.

Os dois eram brancosos:

— Hïi! Olhe! Olhe! É você?— disse a mulher bem bonita com seios bonitos.

— Ô! De quem é essa voz?

Como tinha uma clareira, a mulher ficou em pé no limpo.

— Não pergunte quem sou! Sou eu! Você! É você mesmo! — disse a mulher.

— Não, não sou aquele que você pensa, eu sou outro!

— É você, é seu rosto mesmo, assim que é seu rosto!— disse ela. Ela perguntou.

Ele pronunciou seu nome:

— Eu sou Minhocão mesmo!

— Não, você não é outro, é você!

Enquanto ela insistiu em dizer isso, os dois Minhocões falaram para ela logo.

Um deles olhou e disse:

— Se você falar assim, tire essa folha nova de arumã, aí, aquela folha enrolada, você a arranca e a desenrola, e você senta em cima, sente-se em cima. Coloque sua bunda em cima— disseram os dois de um jeito cantado.

Rindo, ela correu para arrancar a folha. Pensando que era Paricá, pois tinha o mesmo rosto, quando ele disse isso, ela arrancou a folha. Depois de arrancá-la e desenrolá-la em um lugar bonito da clareira, onde não havia nada, ela se sentou em cima onde estava limpo. Os dois desceram, os dois desceram rapidamente e copularam com ela uma vez, não várias vezes, somente uma vez. Apesar de copular somente uma vez, cada um com ela, os dois copulavam enquanto o marido estava matando to-

dos os cuxiús, pois era muito bom caçador, acumulando as presas.

Ela não alcançou, andava devagar.

Depois de ter copulado, não foi nos dias seguintes, mas no mesmo dia, apareceu o ventre que, apesar de uma vez só, já estava crescendo.

— Vai! Vai logo! — disseram os dois Minhocões que voltaram para a moradia deles.

O ventre daquela que estava andando sozinha crescia e crescia.

— Vai lá onde teu marido está matando os cuxiús, ouça os gritos! — disse o Minhocão.

— Hôhaaa! — ela ficou pensando.

Depois de falar isso, ela foi bem devagar à direção onde estava seu marido. Indo lá, o ventre sempre crescia, porque não havia só um filho. Apesar de serem pequenos, eles estavam acabando com a carne dela. Ela ficou em pé, enquanto Paricá estava amarrando os cuxiús, ela ficou em pé lá distante.

Ele estava voltando. Ele havia matado todos os cuxiús e estava voltando, depois de carregá-los, ele estava voltando. Quando voltava, ele viu o ventre dela enorme de gravidez.

— Nunca mexi essa mulher, e tem filho nesse ventre! — ele pensou.

Ele pensou simplesmente. Ele nunca tinha copulado com ela, pois ela não gostava dele. Ele voltou passando. Ela voltou sozinha. Ela estava voltando rindo. Ela estava voltando atrás, seu ventre

cresceu rapidamente. Ela voltava com esse ventre enorme.

Depois de um dia, o ventre dela estava gigantesco. Ele olhou atrás e viu a mulher com o ventre enorme.

— Hôãaa! É o ventre com criança— ele pensou e continuou andando

— Hĩĩĩ! Será que eu a sujei uma vez?— disse isso.

Xiri! Anoiteceu muito rápido. A noite caiu depressa. O ventre estava cheio. Olha só o suporte dos bichos. Não havia só um! O ventre estava se mexendo.

— Õa, òa, òa, òa!— diziam dentro.

A mulher sofria, sofria passando mal, sofria por causa do que acontecia dentro dela. Doía muito o ventre dela. O marido dela estava deitado na sua rede sem olhar para ela, enquanto o ventre dela doía, pois doía muito, acariciando sua barba, enquanto a noite se tornou logo densa e grossa, as minhocas saíram.

Weo! Weo! A placenta se derramava como se fosse água e saíam filhotes de minhocão:

— Ûa! Ûa! Ûa!— diziam assim primeiro.

Como parecia voz de criança, ele olhou para as crianças no chão, apesar de estar deitado na rede, ele olhou. Não havia criança. Ele olhou de soslaio. Não dava para ver. Em baixo dele:

— Ûa, ùa, ùa, ùa!— diziam assim sem parar.

Eles nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam.

Hiii! Havia tantos montes de minhoca que o fundo da casa sumiu, a vagina dela estava cheia de minhocas. Depois do trabalho de parto, ela olhou;ela fez desse jeito. Eles choravam como crianças, chorando de sede já, eles acusavam sede:

— Sede! Sede!— diziam com uma voz de criança — Estou com sede! — diziam rapidamente.

— A criança cresceu tão rápido! — ela pensou assim.

Como estavam sempre com sede, ela deu o seio.

— Tusu! Suku! Tusu! Suku! — faziam assim enquanto amamentavam. Ela fez assim. Como as minhocas faziam sempre isso, ele ficou esperto. Ele entendeu:

— Hii!— ele pensou.

A mãe dela chegou correndo. Apesar de olhar, ela não as viu imediatamente. Apesar de escutar o choro de criança, ela olhou e voltou a deitar.

Deitada, a mãe das minhocas as cobriu, cobriu, cobriu, cobriu, cobriu. Amanheceu. Como a filha estava indo de manhã cedo, ela falou para sua mãe enquanto o marido ficava pensativo.

— Mãe! Não descubra o que eu cobri no fundo da casa. Não fique olhando o fundo da minha casa!— disse.

Havia tantas minhocas! Elas se embolavam, zomando, porque estava cheio

— Não olhe o fundo da minha casa. Não descubra o que eu cobri!— ela disse e saiu.

Xiriririri! E sumiu. Enquanto isso, a mãe levantou da rede.

— Por que? Onde está a criança que deveria estar no colo, recém-nascida? Vai chorar muito assim!— ela pensou, e correu até a casa.

Ela foi logo. Ela correu e descobriu o que estava onde a filha morava, aquelas minhocas, todas mexiam a cabeça ao mesmo tempo.

— Xiririririri! Sede! Sede! Sede! Avó! Sede!— eles a chamavam de avó.— Avó! Sede! Avó! Sede! Avó! Sede!— todos diziam.

— Hãaaaaä!— ela gritou logo— Hãaaaaä! Só para você fazer surgir aqueles! Por isso! Você não trata bem seu marido! É por causa desses bichos estranhos que você não conseguiu dormir!— ela disse— Vai! Meu genro! Enquanto se mexem assim, derrube logo essa lenha, faça um fogo grande para ela!— disse a mãe.

Ela mandava cremar a filha viva! Depois de ela dizer isso, ele desceu da rede. Ele não demorou: derrubou aquele carapanã-uba.

Kraxi! Kraxi! Kraxi! Krao! Torou! Fazia lenha para cremá-la. Enquanto fazia lenha, ela voltou. Ela tinha ido tomar banho à toa, ela passou onde estava partindo lenha. Ele virou as costas onde ele estava fazendo lenha. Ele nem olhou. Ela deitou encolhida.

Pou! Pou! Pou! Ele amontoou monte de lenha. Pou! Pou! Pou! Ele pegou brasas para acender o montão de lenha, ele fez aumentar o fogo. Como a lenha era seca, o fogo pegou logo.

Weeee! Ele fez uma cerca, fez para ela. Depois, ele correu atrás dela. Ela nem se levantou, gritou para pegá-la, pois queria a cremar viva.

Weeeee! Ela estava deitada reta. Ela nem reagiu, ele correu a carregando à direção do fogo, ela chorava:

— Ëäë! Ëäë! Mãe! Pai!— disse ela.

As pernas dela estavam balançando, dando impulsos. Ele a jogou no meio do fogo.

Pou! Ele pegou outra lenha que estava no chão e amassou, amassou com força.

Ëëäaaaëëë! Proto! O fogo queimou, enquanto cremava, a sogra dele correu em cima dos minhocões para queimar os feios. Ela correu para pegá-los. Ela já tinha colocado água em cima do fogo em uma panela de barro para cozinhá-los. Ela correu com uma vasilha d'água quente à direção das minhocas cobertas. Ela jogou a palha de coruá que as cobravam:

Weeeo! Os minhocões gritavam:

— Öiii, öiii, öiii!— gritavam.

— Avó! Couro encolhido! Couro encolhido! Couro encolhido! Couro encolhido!— diziam inebriados, chamando-se de pele encolhida.

— Avó! Couro encolhido! Avó! Couro encolhido! Avó! Couro encolhido!— diziam os pedaços arrebetados.

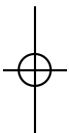
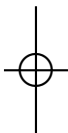
Olha só os montões de pedaços! Os pedaços estavam correndo logo, e ocuparam toda a floresta, os minhocões. Ficaram ocupando a floresta, os arrebetados correndo logo em todas as beiras de rio, entraram depressa no fundo da terra.

Depois de acontecer isso: são minhocões! Dizemos. Assim que aconteceu. Não existiam minhocas. Foi com ela que se multiplicaram. Nós as faremos cair na água para nós comermos peixes. A minhoca não apareceu do nada.

Depois de os dois Minhocões copularem com ela e multiplicarem seus filhotes, que foram embora com os pais. Os filhotes não moraram onde foram cremados, nem ficaram perto. Os dois foram logo. Assim foi. Desde que aconteceu, quando cai a chuva:

— Têi, têi, têi, têi têi!— Dizem os pais onde estão.

Assim foi a história.



Horemariwë

Ai të ã. Horema të ã. Horema pë rë kui, urihi a kuo tëhë, heinaha xomi (pita) a kuprou tëhë, a kuo tëhë:

— Kiha horema ya ki tiëai! — ai të pë kunomi.

Horema xi pë kâi kuonomi, horema ki ha harini, ai të hunomi, ai të ki wai ha tiëreheni, yuri a kâi rëkai taonomihe, ñaha të kuoma. Ihi pëma të pë keamapë, kamiyë pëma ki ohii tëhë, të pë kuopë ha, pëma të pë ha tiëni, pëma të pë pata ukapë, të pë pata kupropë. Tëëpi kâi përikema. Ihi ihami a suwë rë pëtoke hami, Pokoraritawë tëëpi ihami Yanomami të pë ipio hirai ha, të pë ma rë ipiowei; ñhi të hirai ha kamiyë Yanomami pëma ki iha Pokoraritawë tëëpi huxuo he parohooma, a kirii yaro, a puhinomi, a riëhëwë totihiwë makui, suwëni a puhinomi, Pokoraritawë tëëpëni horema pë rara-kema. Ihi Horemariwë kama kipi iha a suwë ha waroikuni, kama mouki kete waoma. A rë ponowei, katehe a makui, a rë ponowei, e hurayo hërima, yakumi ñhi ihami pë ñii e ã hai heama:

— Xõe! Hëarohë a nohi hua kōrihe! A wai huto hërii! Huri hëri! — e kuma.

Opi e hua hërayo hërima. E ha hurini, wixa e ki horama, e ki niama, a nihiteo he parohoma, Yakuana a nihiteo he parohoma, ïhi iha a ipioma, Yakuana iha, Pokoraritawë siohapi wāha, Yakuana hesiopi iha Horemaritawëni ihirupi pë rarakema. Hëaropi e ha hayuikuni, e kipi nosi ha wetitaruni, a ha kuuuuupohoruni, a suwë hayuo ahetou tēhë.

Horemari kipi, pata, oxe, kipi rë përipia yarita-awe ha, Yanomami kipi rë kuonowei, horema pë kuami yaro. ïhi hapa horema hïipi kipi përioma. Ihiru pë raraapë. Hei yo hayua, hei, e ha kuuuu katiiiii tipokirini, Yakuanani wixa ki niama. Kama mouki tē pë pata yētëpramoma. Hei yo ma rë kui, tē pë pata ximokorepramoma, suwë a rurupëapë. Toso, toso, toso, toso! Ki kanosi kupima. Hōti, hōti, hōti! E kupima.

Kipi riëhëo totihioma, horema pë hïipi rë kui, kipi moheki wëhuhuoma, hei wixa texina si pë rë kui, texina si yohopipoma. Kipi moheki wëhuhupiwë totihitaoma. Inaha rë e kipi moheki kupioma, kipi kaweki kâi totihitapioma. Yakuana moheki kurenaha, suwë a miramapipë, a mamo xatitarioma:

— Krai! Rae! — tē kutario ha.

Kipi pruxixiwë:

— Hïi! Mipraa! Mipraa! Mipraa! ïhi kahë rë wa? — e kui pëtarioma, suwë. E kupi pëtarioma, xëkëkëwë, suhe puu wai totihitaoma, no xi aihawë.

— Ō! Weti wāwā ta tawē, weti pei wāwā ta tawē?

Heinaha tē ka yakēa kua yaro suwē a wawē-towē upratarioma.

— Weti mai! Kamiyē kē ya!

— Kahē rē wa, kahē rē wa nohi kui!

— Ma, kamiyē ūhi ya tama! Kamiyē yaiwa ya rii.

— ūhi rē wa, ūhi wa moheki katitire! Inaha wa moheki kuwē! — e kuma. A wārima.

A wāha yuprarioma:

— Kamiyē Horemari ya rii ta kui!

— Ma! Wa no yaipimi, ūhi rē wa!

Inaha e kupii ka kuaai ha, e kipi ā hapii xoaoma.

E mamo xatitarioma.

— Inaha wa kuu kunoi, mihi umoromi henaki tuku rē tiririre, mihi hena rē hututure, wa hena kipi ha ukērēni, wa hena ha hapexeparini, ūhi hena ha wa rokei, wa rokei kē tao! Wa koro pakohekei kē tao — e ki kahiā kupima.

E ūka wā kāi rērēa nokakema. Hawē ūhi a kuwē ha, ūhi Yakuana moheki kuopē naha, moheki kuo katitioma, a kui ha, e hena ki ukērema, e hena ki ha ukēpirēni, hena ki mi ha hapexeparini, heinaha tē totihitaopē ha, tē ka yakēopē ha, a koro pakohekema, tē tāihiopē ha. Kuaai tēhē, e ki itopirayoma, a napē itopia haitarayoma, e ki rē itopire, na wapima, mahu, hei ai na wai, na wai, na wai tē kupronomi, mahu! Aini mahu na waararei, aini mahu na waararei, inaha mahu makui. Hei na rē

wapii hēre, kiha hēaropini wixa ki haikiai kē tēhē,
a nihiteo he ha parohooni, ki weyoyamatii kē tēhē.

Īha e waroo mai!

E opisi hui hēo hērīma, hei na rē wapiararihe
ha, ai tē henaha e makasi kāi pētonomi, mahu ma-
kui, ihiru makasi tirehetou waikirayoma, hei a rē
waikare ha.

— Pei! Wa hurayou kē tao! — Kama kipi
pēriopē ha, ki kōpikema.

Hei a rē hui hēoimati hami, ihiru makasi patai
waikio hērīma.

— Hēarohēni kiha wixa ki hōra rē niayahi ha,
īhi ei rē e ki rāawa, īha wa e waroyei — e kuma.

— Hōaaa! — e puhi kui hēoma.

Ha kuni, opisi e katitiatarou hēo hērīma. E
rē katitore hami, ihiru a makasi tirehou waikio
hērīma. Mahu tē kuami yaro. Pei tē pē ma oxei
makui, yāhi ki haikiamā. E uprakema, wixa pē na-
noka hāomai tēhē, e upraa hēwēpetayoma.

Kama a kōoimama, ki niaa waikirarema yaro,
a kōoimama. Pē ha yehirēni, a kōoimama. Kōoi-
mani, suwē a makasi karereoma. Makasi kario ti-
rewē waikiwē:

— Kihi rē ya pē napē kuaai taoma mai, kihi ihiru
rē makasi ē! — a puhi kutarioma.

Kama a puhi kui pēoma. Kamani na wanomi,
e ipio yaro, a kōo e hayukema. Yami e kōo hēoi-
mama. E īka wa teteo hēoimama. Īhi pei noha

hami e kōo ha hēoimani, e makasi pataa hairayoma.
Patai hēoimama.

Ihi mahu tē mi haru ha, makasi pata ihea
hērima. A mi yapatou kōrayoma, suwē makasi
pata kareroma.

— Hōaaa! Ihiru rē pesi! — a puhi kutario
hērima

— Hīi! Ya no kiriai tao ta yaitakē? — a ha kuni.

Xiri! Ihi tēhē e tē mi titihiprou haitarayoma.
Rope tē mi titihiprarioma. Ihiru tē makasi pata
ihewē. Hei tē pē pesi pata hei! Mahu kē pē kua
yaro! Mahu! Tē pē pesi pata uprauprарaroma.

— Ōa, ōa, ōa, ōa! — tē pē pata kui huxomioma.

Suwē a no preaama, xi kirihiwē no preaama, hu-
xomi xi kirihiwē no preaama. E tē pē pesi pata ni-
niprarioma. Hēaropi e kutaoma. Ihi e hesikaki rē
rēprapohorohe, ihi tē pē ā pata ma pērao tēhē, tē
makasi hōra niniai ha haitaikuni, kuaai ha, huxo
huwētaoma, ihi tēhē tē mi titi supraa hērii tēhē,
heēteprou hērii tēhē, tē pē pata keama.

Weo! Weo! Hawē mau u pata ripraama, ihi ho-
remari pē ihirupi yono u pata.

— Ūa! Ūa! Ūa! — hapa e tē pata kurayoma.

Ihiru a yai kui makure, ihiru e rīya praa ha
mini, e hesikaki ma rēre tē mima, kuonomi. Mamo
axēoma. Taproimi. Iha kama pepi hami:

— Ūa! Ūa! Ūa! — tē pē pata kutima.

Tē pē pata keai, keai, keai, keai, keai, keai, keai.

Hīi! Pei kē tē pē he pata poraraprawē xīka ma-
prarioma, na ka no nihioma, a nohi kuaama. A ha
kupraruni, tē pē mima. Ihi tē pē pata ūaūapraroma:

— Amixi! — tē pē pata kui haitaoma. Pē amixi
himou ha — Amixi! Amixi! — tē pē pata kuma.

— Ihiru a wā kāi, wai hōra pataa ropaharayou!
— a kui no mihitaoma.

— Tusu! Suku! Tusu! Suku! — Pē amixi kōo ha,
tē pē pata tamama. Inaha tē pē pata kui ha, a puhi
moyawērayoma. No ihipirema.

— Hīi! — a puhi kutarioma.

Ihi tēhē pē nīi e kua yaro, pē nīi e rērēkema. Tē
mīi makui, tē pē pata taprai haionomi. Ihiru rē a
wā makure. Tē miakema, a pēria kōkema.

E ha pēriikuni, tē pē he pata yohoapotayoma.
Yohoi, yohoi, yohoi, yohoi, tē mi harurayoma.
Harika totihiwē e hui yaro, pē nīi iha e ā hama. Ihi
hesikaki kuprao xoao tēhē:

— Nape! Hei pei ya xīka rē kui hami tē pē he rē
yohohore tē pē he karoai heai mai! Ware xīka mīi
heai mai! — e ku hērima.

Horema pē kua yaro! Tē pē mi pata puruwē
yaro. Tē pē pata xiririmoma.

— Nape, ware xīka mīi mai! Hei tē pē he rē
yohohore tē pē he karoai mai! — e kuma. E ku
hērima. E harayo hērima.

Xiriririri! E mato hērii tēhē, e kui tēhē, pē nīi e
waheprarioma.

— Exi të ha, exi të ha ihiru weti hami a rë yakapore? Të mia hore ma përamapou — e puhi ha kuni, e rërëkema.

A rë rërëore, kama a kuopë hami të pë he pata rë yohoawei, të pë he pata karoprarema, horema të pë pata yai rë prei, ihi naxomi xïro, të pë he pata kuakuaa nokararioma:

— Xiriririri! Amixi! Amixi! Amixi! Yape! Amixi! — pë nii iha të pë pata yesimoma — Yape! Amixi! Yape! Amixi! Yape! Amixi! — të pë pata pruka kuma.

— Hïãaaaä! — a raria xoarayoma — Hïãaaaä! Inaha wa të pë pata hore taamai ayao yaro wa të ã hore no kirio ayao nosië! Inaha kë wa të pë pata xami hore taamatii ayao yaro, wa të ã hore yaho-omi ayao no kuhaë! — e kuma. — Pei! Xõe! Inaha pë taamayou tëhë mihi wahë ãxo ha tuprakini, a wakë kata tapipa! — pë nii e kuma.

Pë niini a yaamai puhima. Temitemi! Kui tëhë e wahetarioma. A no teteheo mai! Hatoa a rë upraawei.

Kraxi! Kraxi! Kraxi! Krao! Torou! tariki ta ma! Tariki tama. Tariki tai tëhë, e kōpema. Kihami a rë yarimou xomi arui, tariki poapë hami e hayukema. E yaipë rëtakema, kama tariki makui ha, e mamo kãi xationomi. E tasiki yoretakema.

Pou! Pou! Pou! E të pë heru pata taketayoma. Kai wakë ha. Pou! Pou! Pou! wakë pata ukëa ha piyërëni, wakë paramama. Të pata haxitiwë yaro,

e wakë kâi pata waa haitakema, arana ki tapema, a pehi tapema. A pehi ha poxokopani, a napë rërëa xoakema:

Weeeee! E kâi hokëpronomi, napë iramo-rayoma, a temî yaai yaro.

Weeeee! E katipraoma. Weeeee! E kâi hukëonomi, kai wakë pata hamî e kâi rërëkei ha, e ää-morayoma:

— Ää! Ää! Napemi! Hapemi! — e kurayoma.

E matasiki yoayoamoma, e kaxëai ha. Ihi mi amo tē wakë pata yai ha:

Pou! A xëyëkema. Ai äxo pata rë praawei äxo pata ha hurihirëni, a patëtëpema. A hîkipema.

Ëëëäääëë! Proto! Kai wakëni, a ïxirayoma, a ïxii tēhë, pë yesi e yëkema. Wãriti tē pë pata yaprapë. E tē pë napë pata rërëa paxikema. Mau u pata tupoma, hapoka a ha, tē pë hete pata rë tu-aiwei. Kai hesi ha e u kâi pata rërëkema. Tē pë he pata rë yohoawei ha. Masiko ki pata maiprarema.

Weeeee! Tē pë ä pata pëprarioma.

— Öiii, öiii, öiiii! — tē pë pata kui pëprarioma.

— Yape si äyiki, yape si äyiki, yape si äyiki, yape si äyiki! — tē pë pata porepi kuma. Kama pë si pata äyikiwë himou ha:

— Yape si äyiki! Yape si äyiki! Yape si äyiki! — tē pë pata kuma, hemata.

Kihi kē tē pë pata hemorokowë yapuruprawë, ïha tē pë hemata pata rë rërëoprou xoare, kihi a urihi rë kui, a haikiremahe, horema pëni. A urihi

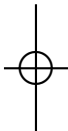
haikire hërimahe, ïhi rë të pë pata rë hëtitiraruhe,
pata u ki rë kutarenaha, hei a pita huxomi hami, të
pë pata rërëokema. Rërëo xoaokema. Inaha pë ha
kuoikuni:

Horema kë pë! Pëma ki kui, inaha të kuprari-
oma. Horema pë kuonomi. Ihi ihami të pë pata ra-
rokema. Pëma të pë keamapë, yuri pëma pë wapë,
kama horema a xomi kupronomi.

A ihiru ha rarapikini, pë hii iha e kipi rë kupio-
nowei, ki hupirayoma. Ki ihirupi yaprai aheteopë
ha, kipi kupionomi, kipi përipionomi, ki ahetepio-
nomi. Kipi hupia xoarayoma. Inaha të kuprarioma.
Të ha kupraruni:

— Ti, ti, ti! ti, ti! — maa a ha kenì, ïhi pë kupra-
mopë hami, pruka pë hii pë kui.

Inaha të ã kutaoma.



o pássaro popomari

HÁ A HISTÓRIA PARA NÓS, Yanomami, nos perdermos na mata, ensinou-se, ensinou a perder-se. Tinham uma grande roça. Assim que faremos. Aprendemos a nos perder até na roça, de tão grande. Estendia-se, apesar de ser roça, e aquele se perdeu. Há essa história também. Assim foi.

Há que existiram no início e que se transformaram, aqueles que existiram, a imagem daquele que gritou existe também na terra dos *napë*. Ele se perdeu, aquele que se perdeu lá, o eco da sua voz voou em todas as partes. Ele gritou, o pássaro *popomari* fez ele se perder. Ela habitou toda a floresta, a voz: Po! Po! Po! Po! Po! Po! Po! daquele *popomari*, Popomaritawë se perdeu. Aquele que se perdeu errou de caminho e sua imagem foi embora. Com o eco da sua voz para toda a floresta se encher de *popomari*. Nós faremos assim, pois nos ensinaram.

Nós também vamos à deriva em cima dos rios, não voltamos direto. Você se perderá no rio. Ficamos agindo assim, ele sumiu. Ele gritava, gritava e ninguém respondia. Não responderam. Ele se perdeu lá longe no meio da roça e não responderam.

Assim fez, sofreu, por isso, o canto dele se escuta
também na terra dos *napë*.

Popomaritawë

Yanomami pëma ki mohorupë të kâi kua. Të rë hiranowei. Mohoruu rë hiranowei. Hikari pata a prapoma. Inaha pëma të pë tapë. Të pata ha praukurarini, hikari a makui ha, a mohoru rë kukenowei, të kâi kua. Taprano të hami mai! Ai të pë no patama hami mai! Inaha të kuprarioma.

Hapa, të pë rë kuonowei, ïhi të pë rë kuprari-onowei, ïhi napë pë urihipi hami të pë ã no uhutipi kâi kuprawë, a rë kominowei, a tokurayoma, kihami a rë tokure hami, a wã no uhutipi yëo xoaomopotayoma. A komi, popomari pë rë kui, Popomaritawë, a mohorumarema. ïhi a rë kui: Po, po, po, po, po, po, po! Të pë rë kutouwei, urihi a haikirema. ïhi mohoruno a rii rë yakërayonowei, a no uhutipi huokema, ïhi a wã no uhutipi; inaha a urihi no popomaripi kuprou haikiopë. Inaha pëma ki kuaapë, pëma ki hirama.

Mau u ha pëma ki kâi karëi, pëma ki kâi kôo katitiomi. Mau u hami wa mohorurayou. Inaha pëma ki kuaai rë hëre, a marayoma. A komiprarotima, a komipraroma, e të pë ã huonomi. A wã huanomihe. Hikari mi amo të pata hami, a ma mohorurati, a wã hïrianomihe. Inaha a kuaama, a no preama, kuta-

eni, napë a urihi hami të pë ã kâi kuwë. Inaha të
pë kui haikiwë.

O surgimento da flecha

A HISTÓRIA da flecha. Aconteceu o seguinte. Tinha o dono. Não foi outro que depois de abrir um tipo de roça plantou as flechas. Onde morava o dono, parecia um flechal, essas flechas que eles plantaram em seguida em todos os xapono.

Assim que é, porque ele é o dono mesmo. Aquele que descobriu a flecha se chamava Xororiakapëwë, é seu flechal, fará atirar as flechas, aquele que descobriu as flechas, era a imagem das pequenas andorinhas que voam acima da água.

Xororiakapëwë descobriu as flechas, fez as flechas *hauya*. Graças a ele, os Yanomami descobriram a flecha e pegaram-na. O limite do flechal fica na boca do rio subindo, é seu flechal, não é de Yanomami. Eles pegaram as flechas e as espalharam. Ele fez as flechas se multiplicarem.

Os Yanomami não tinham flechas, depois de pegarem-nas e plantarem-nas, eles guerrearam. Antes, eram desprovidos, não tinham flechas, eles flechavam com dalas pequenas de arumãsem penas, aquelas flechas nativas, ou de caule de planta *tomí si*. Ofereciam-se essas flechas de má quali-

dade, pegavam haste de caranarana parecidas com flechas, amarravam penas na extremidade e flechavam com essas flechas de má qualidade. Não existiam flechas de verdade. Foi por ele que os Yanomami se flecharam, pois ele as fez. É o dono mesmo.

Xereka a rē kuprarionowei

Xereka a rē kuprarionowei. Weti naha tē kupronomi! Kama pē teri a kua yaro, hawē hikari a pata ha tapramarni, xereka si rē kekenowei ai tē kuami. Kama pē teri pēni pē kuopē ha, a pēriopē ha, hawē inaha si pata kuoma, e tē si pata rē kuprarionowei, ihi tēhē tē rē piyēmai kukenowehei, e si kuoma.

Inaha tē kua, kama pē teri yai. Si rē taprarenowehei, kama a rē pērionowei, ihi a wāha, Xororiakapēwē e si, ihini xereka a niaamapē e si, si rē tapramarenowei, xoro ihi tē pē no uhutipi ihirupi yēi, mau u hami.

Xororiakapēwēni si xereka taprarema. Hauya si tapramarema. Ihi iha si he rē harenowehei, a piyēremahe, kihi ipa u rē para kiri, kihi tē si pata koro, ihi hei ihete rē tē si pata yamoo kurayoi, ihi e si yai, Yanomami tēni mai! Ihi e si piyēremahe. Yanomami tē pēni xereka a ponomihe, pei si piyēremahe, si ha piyērēheni, si ha keariheni, tē pē ni-ayorayoma, hapa.

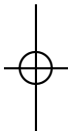
Hapa tē pē hōrimoma, xereka a ponomihe, ruhu masi pē wai xomi niaamahe tiritiri tē pē wai xīro niaamahe mahemahō, urihi hami tē si pē rē kuprai, tomi si poko pē, yāxaamahe, kohere si poko pē

hawë xereka pë rë kure, ïhi tē pë he òkawa yãxaai
no preomahe. Xereka pë kuami yaro. ïhini Yano-
mami tē pë niayopë, si taprarema, ïhi teri a yai.

Antes do surgimento do terçado

QUANDO NÃO HAVIA TERÇADO, quebravam o peito das tartaruguinhas *pirema*, rachavam pau e amarravam na fenda do pau aquele peito de tartaruguinha, sofriam com esse tipo de ferramentas com as quais abriam roças. Assim faziam no início.

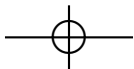
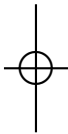
Amarravam também peito de jabuti, derrubavam árvores com machados de pedra, com pedras. Aquelas pretas. Procuravam e juntavam as pedras, afiavam-nas e derrubavam as árvores grandes. Com essas pedras amarradas no pau. Depois de recuperarem todas as pedras, de amarrá-las bem fincadas, eles derrubavam as árvores grandes. Por onde eles moravam, por onde eles habitavam, com a casca do peito das tartaruguinhas, eles cortavam os esteios das casas. Assim que faziam.



Sipara a rē kuprarionowei

Sipara a mao tēhē, mixiukēmi, misi pē pariki si ha karoaheni, pē pariki si hāhopomahe, hāhoa kurenaha tē pē hāhoaikuo no ha preoheni, ihi tē pē pariki si ha tē pē hikaripi taoma. Inaha tē pē ku-aama, hapa.

Totori pariki si hāhopomahe, poo maro pēni kayapa hi pē tuyēmahe, maa ma pē, tē pē rē ixi, ihi tē pē ha hokaheni, tē pē namo ha taheni, kayapa hi pē tuyēmahe. Hāhoa tē pēni. Pei tē pē ha wākiaheni, tē pē posi ha ōkaaheni, kayapa hi pē tuyēmahe, ihi pei tē pē pēriapē hami xapono a tapehe, ihi misi pē pariki sini, tē pē hātopi nahi pēoma. Ihi tē xīro tamahe.



o corte dos cabelos

QUANDO não havia *napë*, sofriam de ter o rosto fechado pelos cabelos que desciam, tinham o rosto como o de mulher por causa dos cabelos. Ele fez o bambu *sunama* e o bambu *waharokoma* aparecerem. Os Yanomami cortavam os cabelos com ponta de tacuará. Quando não o encontravam, usavam o bambu *uhe*. Rasgavam-no e cortavam os cabelos com isso, faziam o corte com esses pedaços. Eles se davam esses pedaços de má qualidade, pois não havia *napë*. As mulheres sofriam com o sangue do corte, quando faziam assim, cortavam a testa, como faziam assim, eles sofriam. No início, não havia tesoura.

Qual é o *napë* que apareceria e inventaria aquela tesoura?

No início, se cortavam mutuamente o cabelo com pedaços de tacuará afiados. Partiam o bambu *sunama*, com o qual se cortavam o cabelo mutuamente, com o fio da lâmina. Kreti! Kreti! Kreti! Cortavam-se o cabelo mutuamente. Assim que faziam entre eles. Também não havia facão.

Cortavam também a carne com pedaços de ta-
cuará *sunama*, no início.

Të pë hemakasi pëyomou rë hapamonowei

Hapa napë a mao tëhë, pë mi raeke no preaama, të pë henaki itoma, të pë mi raeke no preaama, suwë moheki kurenaha, të pë moheki kuaama, pei të pë henakini, ïhi të rë kui, Sunamau he ki rë pëtamarenowei, Waharokoma ki rë pëtamarenowei, rahaka pë atahuni të pë mi pëoma. ïhi ki he hao mao tëhë, uhe pë wãha yai kua kuhe. ïhi pëni, të pë ha kakaheni, të pë mi tayoma, hõra, hanioma, atahu pëni. ïhi të pë yãxaamahe, napë pë kuami yaro, suwë të pë mi ïyë no preaama, inaha të pë taihe ha, huko si pë hani, inaha të pë pata taihe yaro, ïhi të pë ha të pë no preaama.

Hapa nakira pë kuonomi yaro, weti a napë a ha pëtaruni, ki taprapë? Mi haniyou të kuoma hapa. Rahaka namo, rahakaa atahu të pë haniyoma. Sunama akasi pë kakai piyëohe, ïhi të pë tutakini të pë mi haniyoma. Kreti! Kreti! Kreti! Të pë henaki tayoma. Inaha pë tayoma. Xokopi pë kãi kuo mao tëhë, xokopi pë kãi kuonomi.

ïhi Sunama akasi pëni të pë yaropi hanioma. Hapa.

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em
nossas oficinas, em 16 de agosto de 2016, em tipologia Li-
bertine, com diversos softwares livres, entre eles, Lua^ATEX,
git & ruby.

